

• **O POVOADO DA CHARNECA DE FRATEL E O NEOLÍTICO FINAL/CALCOLÍTICO DA REGIÃO RÓDÃO-NISA - Notícia Preliminar**

Joaquína Soares

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

Introdução

A região de Ródão-Nisa, inscrita na mancha xisto-grauváquica ante-ordovícica do maciço antigo, de relevo amesetado e intensamente dissecado, encontra no Tejo e na dupla crista quartzítica ordovícica de Ródão (sinclinal alcandorado, com um comando de 200m acima da plataforma xisto-grauváquica, estrangulando o rio na apertada garganta epigénica das Portas de Ródão) os principais elementos organizadores da paisagem e aglutinadores de uma região cultural.

Os trabalhos de levantamento e estudo do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, descobertos em 1971, com cerca de 20 000 gravuras distribuídas em ambas as margens do rio, a montante da Ribeira de Pracana, sobretudo nas estações de Ocresa/Gardete, Chão da Velha, Fratel, Cachão do Algarve, Lomba da Barca e S. Simão, vieram revelar o maior santuário peninsular e afirmar a existência de uma região cultural com ca. 8 000 anos de diacronia, desde o Epipaleolítico ou mesmo finais do Paleolítico Superior até ao final da Idade do Bronze ou alvares da Idade do Ferro.

Repositório de segmentos materializáveis de sucessivas superestruturas mágico-religiosas que elegeram o Tejo como factor organizador do espaço físico e mitológico, este complexo de arte rupestre apela à investigação de outros sectores de actividade humana, indispensáveis à recomposição das formações económico-sociais que o produziram.

Francisco Henriques e João Caninas, numa perspectiva globalizante, prospectaram intensamente a região, identificando numerosos dólmenes e povoados que vieram dar corpo a uma coerente distribuição espacial dos testemunhos arqueológicos atribuíveis à Pré-história Recente.

As escavações realizadas na Charneca de Fratel surgiram, assim, na sequência dessa prospecção e no quadro de um projecto de investigação dirigido para o estudo do processo de calcolitização do Sul de Portugal em que estamos empenhados. De sublinhar que o Tejo não se comporta, neste período, como fronteira; afirmação apoiada não só pelo complexo de arte rupestre mas também pela uniformidade do padrão de povoamento detectado em ambas as margens do Tejo.

Parece-nos particularmente sugestiva a criação, por Amorim Girão, de uma região de transição entre o Alentejo e a Beira, percorrida pelo Tejo, a que justamente chamou Beira Alentejana.

As escavações na Charneca de Fratel vieram abrir caminho ao conhecimento do povoamento do Neolítico final/Calcolítico da região Ródão-Nisa com características específicas, deixado cerca de 30km para SE o povoado de Vidais, em Marvão, claramente integrável no fácies calcolítico do SW.

As escavações deverão prosseguir, em extensão, no povoado de Fratel, estando previstas ainda intervenções restritas em outros povoados, nomeadamente São Pedro e Feia, uma vez que os elementos fornecidos pela prospecção de superfície são pouco significativos e essas jazidas se encontram ameaçadas de total destruição pelo plantio de eucaliptos.

Povoado da Charneca de Fratel

A primeira campanha de escavações (*) realizada na Charneca de Fratel, com o apoio da **Comissão Nacional para o Ano Europeu do Ambiente**, iniciou-se em Setembro de 1987 e concluiu-se em Agosto de 1988. Foi promovida pelo **Núcleo Regional de Investigação Arqueológica** e pelo **Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal** sob a direcção de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, coadjuvados por Francisco Henriques e João Caninas. Contou-se também com a colaboração da **Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão**.

Os dados fornecidos pela escavação encontram-se ainda em estudo, pelo que nos limitaremos a apresentar resultados muito sumários.

Na Charneca de Fratel foi possível identificar estratigraficamente três ocupações pertencentes à Pré-história Recente apesar da erosão e da agricultura/silvicultura ali praticadas (podemos remontar a utilização agrícola recente do planalto ao séc. XVII).

A mais antiga ocupação corresponderá ao Neolítico final e é a que tem maior desenvolvimento em superfície; a segunda foi considerada do Calcolítico e está confinada a um sector mais restrito do planalto. A terceira fase de ocupação humana forneceu raro espólio, possui carácter marcadamente episódico, sendo por enquanto impossível precisar a sua cronologia.

O povoado ocupou uma superfície de aplanamento, culminante (cota 320m), coberta por cascalheira quartzo-quartzítica, pliocénica. A área daquela superfície é de cerca de 19ha. Durante o Neolítico final a ocupação humana dispersou-se pelo vasto planalto, de forma descontínua (núcleos habitacionais com estruturas de combustão de tipo "empedrado").

As cerâmicas são maioritariamente lisas; de salientar a existência de taças de rebordo espessado internamente, tipo comum nos contextos coevos do grupo do SW; estão presentes vasos carenados com decoração impressa, tão comuns nos grandes monumentos megalíticos de câmara poligonal e corredor do Norte do Alto Alentejo (distrito de Portalegre).

A indústria lítica apresenta afinidades com as de contextos do Neolítico final da Extremadura e do SW (lâminas de sílex retocadas, raspadores sobre extremidade de lâminas; pontas de seta de base côncava; instrumentos de pedra polida de secção transversal rectangular). Os elementos de mó manuais, de xisto-grauvaque, são particularmente numerosos.

O povoado situa-se numa mancha de solos litólicos não húmicos e solos mediterrâneos vermelhos de classe D (cascalheiras com intercalações argilosas), nas proximidades de uma mancha de solos mediterrâneos-pardos de xisto-grauvaques com aptidão agrícola da classe B, numa região onde são quase exclusivos os litossolos da classe E, de fraquíssimo valor agrícola (de ressaltar a possibilidade de ocorrência de fenómenos erosivos intensos, em períodos recentes). Aqueles solos da classe B, férteis, situam-se, em geral, em situação de vale e parecem-nos os únicos adequados a uma agricultura intensiva.

No sopé da Charneca de Fratel, a SE, corre o Tejo, bebedouro de caça e fornecedor directo de alimentos (presença de pesos de rede).

Uma necrópole megalítica, ainda por estudar sistematicamente, dispersa-se em torno do povoado.

(*) Financiada ao abrigo do Projecto "Paleoantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português", proposto por J. Caninas, F. Henriques e João Luís Cardoso.

A localização do povoado, em posição culminante, parece adaptar-se bem a uma economia agro-pastoril que explorava amplo espectro de recursos naturais de acordo com o respectivo desenvolvimento tecnológico (agricultura intensiva nos solos férteis próximos do povoado; criação de gado em regime extensivo nos terrenos mais pobres; caça e pesca na dependência do Tejo; exploração de fontes de matéria-prima local para a produção de indústria lítica e, muito provavelmente, de indústria cerâmica, facto que indicia uma tendência para a autosuficiência do povoado) no quadro de uma acentuada tendência para a sedentarização.

A implantação na paisagem observada no povoado de Fratel não surge como uma situação isolada mas repete-se nos povoados de Peroledo, Cabeço da Velha, S. Pedro, Feia. Podemos mesmo tentar definir um modelo de ocupação humana, para o Neolítico final da região Ródão-Nisa, caracterizado por:

- Existência de territórios organizados pelos povoados; estes localizam-se em extensas superfícies de aplanamento, culminantes (entre 350 e 250m de altitude), coberta por depósitos de cascalheira quartzo-quartzítica, considerados pliocénicos;
- Localização dos povoados na proximidade das raras manchas de solo fértil (classe B) em situação de vale;
- Povoados ocupados de forma descontínua, em núcleos dispersos, com estruturas de combustão de tipo "empedrado" (observadas em Fratel e Cabeço da Velha);
- Necrópoles dolménicas com sepulturas dispersas relativamente aos povoados que parecem exercer sobre elas efeito centrípeto;
- Núcleos de arte rupestre estruturados pelo Tejo e principais afluentes, distribuídos de forma descontínua, no sopé dos diversos povoados. De um modo geral, os vários núcleos atestam longa permanência dos grupos humanos na região, nomeadamente o "santuário" de Fratel que regista um longo ciclo artístico que remonta ao Epipaleolítico.

A ocupação calcolítica da Charneca de Fratel não introduz rupturas, quanto ao espólio doméstico, relativamente à ocupação anterior. Domina a cerâmica lisa, sendo frequentes as formas fechadas. Não se encontrou ainda qualquer peça de cobre.

A estratégia de povoamento sofre contudo alguma alteração em relação à da fase anterior. A área habitada, mais concentrada, situa-se agora no sector do planalto com melhores condições de defesa e de onde se observa um ponto que deveria ser nevrálgico em termos de circulação – as Portas de Ródão. É construída uma espessa muralha (2m de largura) onde foi identificada uma entrada, defendida por um grande bastião semi-circular, sistema defensivo filiável na tipologia das fortificações calcolíticas do Sul da Península (fácies do SE, SW e Extremadura).

A matéria-prima necessária à edificação da base da muralha (xisto-grauvaque e raros seixos quartzo-quartzíticos) foi obtida no vale do Tejo (presença de grandes placas de grauvaque com rolamento) e na cascalheira. Também as mós foram executadas sobre xisto-grauvaque. A moagem parece ter sido uma importante actividade.

A parte superior da muralha terá sido construída com argila (presença de restos de adobes queimados).

O espaço funerário parece aproximar-se do doméstico. Uma mamoa é construída em um dos sectores do planalto, não ocupado por funções habitacionais durante o Neolítico/Calcolítico.

No "santuário" de Fratel gravam-se então, entre outras, formas esquemáticas, círculos radiados, que de certo modo rompem uma longa tradição de imagética naturalista.

O Calcolítico da Região Ródão-Nisa apresenta traços de afinidade com outras fácies do Calcolítico do Sul de Portugal no que respeita a aspectos tipológicos do espólio móvel, a aspectos mágico-religiosos, e no que concerne à morfologia genérica da fortificação. No entanto, parece-nos que a especificidade da ocupação humana do Neolítico final/Calcolítico da região Ródão-Nisa aponta no sentido da definição de uma fácies cultural distinta, questão que terá por enquanto de ficar em aberto.

Bibliografia

- * CANINAS, J. e HENRIQUES, F., 1987. Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, Castelo de Vide.
- * CANINAS, J. e F. HENRIQUES, F., 1987. Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, Arqueologia no Vale do Tejo, Lisboa.
- * CARDOSO, J.L., SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1987. Oeiras Há 5 000 Anos, Oeiras.
- * Carta dos Solos de Portugal, Folha 28B, Esc. 1: 50 000, 1969, SROA.
- * Carta de Capacidade e Uso do Solo, Folha 28B, Esc. 1: 50 000, 1969, SROA.
- * GOMES, M.V., 1987. Arte Rupestre no Vale do Tejo, Arqueologia no Vale do Tejo, Lisboa.
- * ISIDORO, A.F., 1966. Escavações em dolmens do concelho do Crato (Alto Alentejo), Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Fasc. 1-2, vol.XX, Porto.
- * ISIDORO, A.F., 1973. Escavações em dolmens do concelho do Crato (Alto Alentejo)-V, Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia, nº 17, Porto.
- * LULL, V., 1983. La "Cultura" de El Argar (Um modelo para el estudio de las formaciones económico-sociales prehistóricas), Madrid.
- * MONTEIRO, J.P. e GOMES, M.V., 1978. Os Menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa), Revista de Guimarães, vol. LXXXVIII.
- * RIBEIRO, O. *et al.*, 1965. Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 28-B. Nisa.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1984. A Estratégia do Povoamento dos Chãos de Sines durante a Pré-História, Volume d' Hommage au Géologue Georges Zbyszewski, Paris.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1986. Arqueologia da Arrábida, Lisboa.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1988. O Povoado Fortificado da Idade do Cobre do Monte da Tumba (Torreão). Cinco Anos de Escavações Arqueológicas, Movimento Cultural, nº 4, Setúbal.
- * TAVARES DA SILVA, C., 1982. O Megalitismo e os Primeiros Metalurgistas, História de Portugal, vol. I, Publ. Alfa, Lisboa.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1977. Contribuição para o Conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, Setúbal Arqueológica, Vol. II-III.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1986. Pré-história da Área de Sines, Lisboa.



Um aspecto da fase final das escavações na Charneca de Fratel, com a muralha à vista.